



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades Osmar de Aquino- CH
Departamento de Geo-História- DGH
Disciplina: Prática Pedagógica IV
Professora: Mariângela de Vasconcelos Nunes

Relatório

*O estágio escolar: Entre um sonho e a frustração
(uma experiência vivenciada em 2010).*

MANOEL MIRANDA DINIZ

Guarabira

2011

É expressamente proibida a comercialização deste, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D585e Diniz, Manoel Miranda

O estágio escolar: [manuscrito]: entre um sonho e a frustração
(uma experiência vivenciada em 2010) / Manoel Miranda Diniz.-
2012.

23 p.

Digitado.

Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2012.

“Orientação: Mariângela de Vasconcelos Nunes,
Departamento de História”.

1. Sonho. 2. Realidade. 3. Frustração. I. Título.

21. ed. CDD 370

MANOEL MIRANDA DINIZ

Relatório

*O estágio escolar: Entre o sonho e a frustração
(uma experiência vivenciada em 2010).*

Trabalho de Término de Curso
submetido à UEPB como parte dos
requisitos necessários para a obtenção
do Grau de Licenciatura Plena em
História. Sob a orientação da Professora
Mariângela Nunes de Oliveira.

Guarabira

MANOEL MIRANDA DINIZ

***O estágio escolar: Entre um sonho e a frustração
(uma experiência vivenciada em 2010)***

Trabalho de Término de Curso
submetido à UEPB, como parte dos
requisitos necessários para a obtenção de
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Maridângela de Vasconcelos Nunes
Prof.^a Dr.^a Maridângela de Vasconcelos Nunes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josemar Vieira
Prof. Esp. Josemar Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jose Elson Carvalho Lira
Prof. Esp. José Elson Carvalho Lira
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

*Dedicatória “Dedico este
trabalho às inúmeras pessoas especiais
que compartilharam sonhos e fizeram de
minha vida, uma estrutura sólida e ao
mesmo tempo mutável...”
hoje eu apenas posso dizer que não
encontro palavras para agradecer...*

AGRADECIMENTOS

À professora Mariângela Nunes de Vasconcelos pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e paciência.

Ao meu pai José Miranda Diniz, guerreiro ilustre que mesmo sem saber escrever o próprio nome, mas me serviu de exemplo e norte, a minha amada mãe, Antônia Miranda da Silva, pela compreensão por minhas falhas como filho.

A minha adorada filha, Ana Beatriz, e minha avó, Dona Beatriz, minhas grandes impulsoras motivacionais.

A minha amada companheira, que tantos sonhos dividiu comigo, e que está sempre ao meu lado, nos bons momentos de alegria.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Sumário

Introdução	7
1. As Aulas de Prática IV na Universidade.	9
1.2 Localização e aspecto sócio econômico da escola	11
1.3 Observação das Aulas.....	13
2. Uma regência sem professora regente	14
2.1 Escolha e aplicação dos conteúdos	14
2.2 Breves comentários sobre metodologias, estratégias e recursos didáticos.....	16
2.3 Sobre as avaliações	16
2.4 Na sala de aula para além do estágio.....	17
Considerações Finais.....	18
BIBLIOGRAFIA	20
<i>Anexos</i>	21

Introdução

Este trabalho relata experiências de observação e regência que vivenciei no colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo Embora, está tenha sido uma experiência gratificante, apresenta também uma denúncia grave em relação à educação nos dias atuais, notadamente em Guarabira. Tive o acompanhamento da professora da UEPB, a qual me auxiliou na análise dos textos norteadores da prática escolar, bem como na regência e avaliação das aulas planejadas.

A observação e a regência foram realizadas na mesma escola. Sendo está uma escola pública de uma localidade carente, de baixo poder aquisitivo, e apresentando um histórico considerado perigoso. Os próprios docentes têm preconceito em relação à escola e ao local onde ela está situada.

O presente relatório discute aspectos relevantes da prática docente, e da situação caótica da educação no colégio onde ocorrera o estágio, como a falta constante de professores, que aponta para uma realidade mais ampla da escola pública brasileira, situação observada e relatada no presente trabalho. No entanto, esse trabalho apresenta peculiaridades típicas e individuais, fala de medos e receios tão frequentes entre os estagiários, fase em que vivemos as primeiras experiências no nosso campo de trabalho; a sala de aula. No entanto, este trabalho apresenta peculiaridades típicas de experiências próprias e individuais.

Quando temos que realizar o estágio obrigatório na escola, ocorre geralmente um choque emocional com a perspectiva, sobretudo, da regência. O primeiro sentimento é de medo, e o segundo vem perpassado pela curiosidade diante do desconhecido, as leituras e situações colocadas no meio acadêmico apontam para o que pode ser encontrado na sala de aula. Os estagiários tendem a perder o rumo do seu posicionamento Profissional em sala de aula, encontrando uma realidade diversa e muito mais complexa do que se esperava, do que o que havia sido discutido antes. Assim, ultrapassa tudo que havíamos imaginado em relação à sala de aula. Desta forma, no momento do meu estágio fui tomado por estes sentimentos. Mas, embora temeroso, o estágio se tornou para mim, uma experiência extremamente gratificante. Ademais este é obrigatório por lei. *“O Estágio de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). O estágio é necessário à formação*

profissional a fim de adequar essa formação às expectativas do mercado de trabalho onde o licenciado irá atuar. (VAZ, 2008, p. 63)”.

Com o andamento dos trabalhos de relatório e suas atividades complementares, observando e vivenciando a prática de ensino propriamente dita, nos aproximando do que acontece na vida escolar diária. No período do estágio fiquei decepcionado com a professora responsável pela turma na qual estagiei, ela fazia comentários e adotava práticas que não aprovo, como por exemplo, faltar sucessivamente às aulas sem explicações plausíveis, esses fatos me deixaram indignado, e surpreso diante da atuação desleixada e descompromissada da professora regente.

É dentro de um quadro maior que entendo a postura desta professora, primeiro este não é um ato isolado individual; e vem se tornando cada vez mais frequente na escola pública professores desatualizados, desqualificados, mal remunerados e sem tempo para realizar o seu ofício, esse panorama é comum na educação brasileira de ensino fundamental e médio. Contudo isso não justificaria a sua falta de interesse e descompromisso, evidente na prática diária do professor.

Existem sim muita teoria e propostas colocadas e apresentadas pelo discurso oficial. Estão sendo oferecidas inúmeras teses sobre a situação, mais ainda estão muito longe do que seria realmente necessário ao educador e sua atuação com os discentes.

O currículo esse instrumento é capaz de formar não só um profissional, mas um indivíduo, um cidadão, um ser, pois o mesmo é o documento de identidade de uma nação inteira. Sendo assim resultado de uma construção cultural permeada de interesses, portanto ausente de neutralidade.

O currículo transmite visões sociais diferenciadas, interferindo na produção de identidades, e legitimando um meio social no qual um grupo dominante continuará sendo o principal gestor. Diante dessa realidade fica assegurado que os valores da classe dominante interferem de forma mais contundente na formação da maioria dos cidadãos. Quando pensamos em construir uma pedagogia crítica, torna-se necessário fazer indagações e buscar discutir o que está por trás de tal discurso, e a partir daí se pensar e analisar os currículos, buscando metas que beneficiem a grande maioria e não privilegiem apenas alguns. Embora a escola esteja caótica não devemos nos deixar levar pelo sistema. (CORAZZA, 2008, p. 7). Não devemos nos influenciar por profissionais que constroem a cultura do abandono, que não cumprem seus compromissos, que, não

fazem o planejamento de suas aulas, passando a cultuar uma educação que ignora o outro, que, muitas vezes pode o seu próprio aluno.

Surge na atualidade a necessidade de comprometimento não apenas do docente mais também da comunidade para que assim se possa construir um cenário no qual o alunado se sinta inserido e ao mesmo tempo participante de sua própria história, as linguagens atentas às cenas nas quais se acham inseridas.

1. As Aulas de Prática IV na Universidade.

Debatemos muito na sala de aula, no componente curricular **Prática de Ensino de História IV**¹, sobre como apresentar as aulas de história, sendo necessário um tipo específico de trabalho para cada estágio de ensino, para que se possa obter um resultado apropriado a fase de ensino desejada, e principalmente que fosse utilizado formas nas quais o aluno sinta prazer em aprender; e também esteja inserido dentro do que lhe é apresentado, enfatizando o assunto e fazendo uso de metodologias. Promovendo uma melhoria no quadro educacional por completo, levando em consideração que o objetivo principal seja o aprendizado da disciplina. Esses debates em sala de aula, repletos de teoria, nos preparavam para enfrentar o estágio propriamente dito.

No componente do Estágio supervisionado II, foi abordado a formação do professor como um lugar contínuo e em movimento, dentro desta perspectiva ele não se forma em 4 ou 5 anos, e sim ao longo de toda sua vida profissional; se construindo e reconstruindo a todo instante. Um dos textos mais discutidos foi o da professora Marisa Tayra e Paula Francinete “**MAPEANDO O PERFIL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA**”, que aborda as dificuldades da educação na Paraíba, sobretudo o nível de formação dos professores nesse estado. Os desdobramentos deste texto nos levavam a uma reflexão sobre a situação atual do docente no nosso estado. A partir do mesmo também discutimos o papel do professor na sociedade, como formador de opinião pública e como suas aulas e discussões implicam no processo de construção da identidade dos alunos, discutimos ainda a necessidade de nós enquanto futuros

¹A disciplina atualmente é denominada como Estágio Supervisionado Obrigatório II, e está centrada nas observações e regências do ensino médio.

profissionais docentes temos a obrigação de nos adaptarmos as transformações contínuas da escola contemporânea.

Os professores da atualidade ainda apresentam dificuldades de lidar com as questões plurais, em parte devido a uma formação conservadora e autoritária, assim, reafirmamos cotidianamente conceitos e preconceitos enraizados muito profundamente na nossa cultura. Em alguns casos podemos repetir preconceitos estabelecidos em nossa formação.

Em outro encontro na universidade ouvimos a palestra apresentada pela professora *Josefa Da Silva*, que trabalha no ensino público da cidade de João pessoa onde atua na condição de professora de português. Ela nos falou de sua história de vida tanto pessoal, como profissional, marcada por preconceitos. A própria negra e portadora de necessidades especiais relatou sobre projetos que vem desenvolvendo na escola onde trabalha. A atuação da professora dentro da sala de aula, e sua atenção para cada aluno servem como exemplo de dignidade profissional, e mostra um caminho alternativo daquele que estigmatiza o aluno, tirando o mesmo da situação de ser apenas um entre vários, para encontrar nele sua personalidade, fazendo assim com que o professor, seja acima tudo mais próximo e compreenda o universo social deste.

A professora Josefa nos alertou para a necessidade de olharmos cada aluno individualmente, e assim buscar perceber sua sensibilidade, fazendo uso de uma postura atenta a cada discente, não discriminando por causa de suas particularidades.

Ela abordou temas delicados, como preconceito e discriminação à homofobia. O interesse da professora em discutir essas questões aponta para uma perspectiva multicultural da educação, que faz eco aos discursos contemporâneos sobre a escola, à postura da professora é também resultado de sua formação atual e constante.

A palestrante conseguiu emocionar a turma de alunos na qual eu estava presente, mostrando que o modelo de profissional que se rende ao sistema, não deve ser à regra, e sim a exceção, para dar lugar ao profissional maduro e senhor de suas escolhas, e “dono do seu giz”. Ela nos mostra que não devemos nos ver como vítimas, e sim como senhoras e senhores lutando para melhorar nossa sociedade. O maior aprendizado desses encontro foi deixar de lado o pessimismo da carreira de professor, fugindo a imagem do profissional que é um coitado no mercado e passando mais firmeza e caráter e amor profissional.

Numa de nossas ultimas aulas na universidade assistimos ao filme “**Mr. Holland, Adorável Professor**”, que aborda a história de um professor da disciplina de

música, o qual apenas adota essa profissão pelo fato de não encontrar outras alternativas para manter sua situação financeira, mais com o passar do tempo acaba se apaixonando pela profissão, o filme mostra as dificuldades e obstáculos que o protagonista enfrenta, mais também transfere uma mensagem, na qual, no fim, o personagem é plenamente gratificado por suas escolhas, o que nem sempre acontece na vida real. Posteriormente, debatemos o filme comparando-o com o texto já mencionado “**Mapeando perfil dos professores de História da Paraíba**”, no qual as autoras apresentam como se encontra o cotidiano do professor na Paraíba e suas muitas dificuldades, uma das questões abordadas é o triste fato de termos profissionais de outras áreas trabalhando em matérias muito diferentes para as quais foram formados. Percebemos como o professor hollywoodiano, embora empurrado por falta de opções para sua profissão ele se realiza plenamente no final. Todavia, este final feliz não parece ser partilhado por muitos docentes. Assim, nos interrogamos o que holywoody queria nos dizer? Será que depois das pedras, do nosso dia a dia difícil devemos esperar a glória, tal como no filme aconteceu? Durante nossas discussões foram apresentadas opiniões diversas e ao mesmo tempo, contraditórias sobre o tema abordado, mas de um conteúdo muito enriquecedor.

Em outra ocasião discutimos em sala de aula o texto “**A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia**” de Tomaz Tadeu da Silva; no qual o autor coloca a influência da cultura midiática no cotidiano dos alunos. Este processo nos faz pensar no reciclar do professor para incluir em suas aulas filmes, músicas, literatura de cordel, e outras linguagens, não apenas como comprovação, mas como fonte a ser problematizada. O autor sugere em seu texto que todo conhecimento é válido seja ele do cotidiano ou do meio acadêmico.

1.2 Localização e aspecto sócio econômico da escola

A escola observada foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, popularmente conhecida como Polivalente, situada na Rua João Lordão, 125, Bairro Nordeste II, no município de Guarabira, Paraíba, escola está localizada em uma rua de pouco movimento, onde no final dela não existe

passagem, local onde se encontra um pequeno curral para criação de gado bovino. Cercado por uma paisagem de mata, a qual confere ao lugar, no período noturno, um aspecto sombrio e alimenta ainda mais os comentários sobre ser esta escola um espaço de violência.

A instituição atende a alunos basicamente da zona urbana, principalmente do próprio bairro, e de municípios vizinhos, a classe social, destes varia de média baixa a baixa, os alunos não possuem acesso a certos privilégios da classe média alta, como TV a cabo, internet banda larga e outros meios de comunicação atualizados.

A escola apresenta uma estrutura simples, mais que pode ser aproveitada no ensino com criatividade e disponibilidade do docente. Apresenta um auditório, salas de tamanho razoável, e boas carteiras, na sala também encontrei carteiras para canhotos, dentro de algumas destas salas encontra-se tanto quadro branco para pincel; quanto quadro negro para giz tem ginásio, embora num péssimo estado de conservação e necessitando urgentemente de reforma. Logo na entrada da sala da diretoria encontramos fotos e cartazes de atividades culturais realizadas no período de início do ano letivo de 2010, no convívio escolar; como datas comemorativas e pequenas gincanas escolares. A escola possui ao todo vinte salas em funcionamento, e volta-se para cerca de 1700 alunos, embora a vice-diretora tenha especificado há existência de um grande número de alunos desistentes.

Dentro da estrutura física da escola encontra-se uma sala de vídeo, uma biblioteca, uma sala dos professores, três laboratórios de informática, duas salas da direção, uma secretaria, uma cantina e uma quadra de esportes, embora com certo descaso, e falta de luminosidade, dentro das salas de aula funcionam um sistema de ventilação e luminosidade adequada para o estudo noturno, funcionando durante os três turnos. Os professores citaram que realizavam planejamento quinzenalmente.

Não existe na escola um grêmio estudantil, que promova encontros e um diálogo maior entre os alunos e os docentes, sobre os problemas socioeconômicos e culturais da própria instituição, ou até mesmo da comunidade; o que deixa muito a desejar, visto que “a gestão democrática é um dos requisitos da LDB”.

Existem também dentro da escola em atividade, no turno da noite, aulas do EJA, programa do governo federal que se autodenomina “educação para jovens e adultos”, estas aulas são supridas pelo mesmo quadro de professores do colégio. Em relação à assistência psicológica e social, o professor faz vezes de psicólogo, e

assistente social e em alguns casos até mesmo atua como médico. A escola também não apresenta atendimento odontológico.

Em relação aos recursos didáticos oferecidos pela escola encontramos data show, DVDs, retroprojetores, aparelhos de som, quadro branco para algumas salas, mas em sua maioria quadros verdes de uso geral. Existe uma sala específica para professores, com um bom acervo em material didático, o que fundamentaria e auxiliaria diversas disciplinas, embora esse material quase não fosse utilizado nas aulas de história que observamos. No caso dos recursos citados alguns professores não têm intimidade com uso dos materiais disponibilizados, o que reflete ainda mais a falta de atualização profissional da escola.

1.3 Observação das Aulas.

No dia 31 de maio de 2010 nos dirigimo ao local destinado para realizarmos as observações das aulas de história na turma do 2ºA. Os trabalhos no campo do estágio foram realizados em parceria com outro aluno da universidade, devido ao número insuficiente de escolas em comparação ao número elevado de estagiários.

A professora regente iniciou a aula com pouca desenvoltura, os alunos é quem a orientavam para saber qual o assunto abordado na última aula, depois de pedir “orientação aos alunos” sobre onde tinham terminado sua última aula, ela escreveu no quadro o assunto e o texto do livro **História Global: Brasil e geral**. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva 2005, do autor Gilberto Cotrim. Desta forma não foi feito nenhum debate ou algo parecido, nem mesmo uma exposição do assunto aos alunos foi feita nesta aula, não sendo também solicitada dos docentes nenhuma atividade, e por último a chamada de frequência escolar não foi efetuada. Havia na sala de aula um número pequeno de alunos em comparação aos que estavam matriculados e que participavam de outras aulas. Entendi este aspecto como uma resposta dos alunos, os quais desestimulados pela professora da disciplina, e suas faltas constantes; não apresentando uma conduta adequada para incentivo ao discente. A turma com a qual trabalhamos, estavam reduzidas a cerca de vinte alunos, em sua grande maioria, pessoas casadas, com muitas atividades diárias como cuidar dos filhos, de casa, sobretudo as

mulheres, além de trabalharem em atividades remuneradas, necessárias a sua sobrevivência.

Após a primeira aula de observação seguiram alguns feriados e dias que nos impossibilitaram de realizar mais observações, devido ao fato da professora ausentar-se da sala de aula constantemente. Assim, acabou o semestre e o período dedicado a regência, e só observamos uma única aula.

2. Uma regência sem professora regente

Iniciando a segunda unidade a de regência das aulas realizei uma grave denúncia a professora regente responsável pela turma onde estagiamos, está simplesmente abandonou ou suspendeu, todas suas atividades na turma; em que realizamos a observação e posteriormente a regência, de fato, durante o último semestre do ano de 2010, a professora simplesmente deixou de ir à escola largando todas as suas turmas, não ocorrendo a sua substituição, pelos infortúnios da burocracia, os alunos estes sim foram os mais prejudicados no ato final. Mesmo assim optamos por continuar na mesma turma, mesmo sem a supervisão da professora da escola, desta forma tivemos que selecionar o assunto que iríamos trabalhar em sala de aula, fizemos a escolha dos conteúdos a partir do livro adotado pela escola.

2.1 Escolha e aplicação dos conteúdos

Levando em consideração que as aulas foram ministradas por duas pessoas ao mesmo tempo era necessário um entrosamento teórico entre a dupla, e um consenso sobre as matérias que deveriam ser abordadas.

No primeiro encontro (defino como encontro o tempo relativo a dois módulos aulas em sequência) discutimos o conceito de História e apontamos para as diferentes versões sobre o mesmo fato. O conteúdo abordado foi correlacionado com um tema midiático, realizamos uma comparação com o discurso político, para mostrar aos alunos que existiam muitas opiniões divergentes sobre o mesmo assunto, já que estávamos em pleno período eleitoral, buscando, assim, inspirar no discente uma visão

crítica daquilo que lhe é apresentado como dito “verdadeiro”. A grande maioria muito desestimulada pela ausência da professora titular tentava desviar nossa atenção para outras questões e tecerem diversas críticas a professora, realizando assim um desabafo.

No segundo encontro abordamos a Revolução Francesa e o Congresso de Viena. Nesta aula consegui trabalhar a ideia de como um simples cabo do exército tinha se tornado um dos maiores imperadores europeus da história, e como ele próprio havia se tornado um legado da Revolução Francesa, iniciamos a partir do próprio conceito de revolução; definindo-a como uma grande transformação na sociedade que envolve as esferas políticas, econômica, social e cultural, afetando o universo de todos os grupos sociais. Os alunos debateram sobre a importância das lutas de classes nas sociedades contemporâneas. Estes em sua maioria pertencem à classe trabalhadora, desta forma a partir de suas experiências cotidianas eles falaram sobre seus enfrentamentos do dia a dia. Tivemos cuidado para não fazermos anacronismos com os temas atuais, mas, usamos exemplos mais próximos do aluno.

No terceiro encontro abordamos o iluminismo, e sua influência na construção da independência americana, e também sua participação na formação dos pensadores das revoluções gloriosa e francesa, e terminando por sua vez fazendo uma ligação com o Brasil, que seria assunto de aulas seguintes dos alunos. Foi notado que a partir desse encontro já não existia a presença de todos os alunos, muitos não iam mais a escola no dia das aulas de história, e alguns poucos que participavam não tinham entusiasmo pelo material apresentado mesmo após horas exaustivas de preparação de uma aula de “qualidade” para os mesmos.

Na penúltima aula apresentada abordamos a revolução industrial, enfatizamos como esse acontecimento modificou o mundo, como ele era, e como ficou depois deste evento que acometeu todo o ocidente, e por último para concluir o assunto discutimos sobre o período napoleônico. Curiosamente nesta última aula apenas dois alunos participaram, e aproveitamos para debater sobre a importância do estudo na sociedade atual, o grande momento para mim emocionalmente foi escutar de um aluno que por causa de nossas aulas, tinha voltado a pensar em cursar uma universidade.

Embora participativos e muito colaboradores das aulas, os alunos estavam muito despreparado, acredito que isso se deve a vários motivos, primeiro, ausência constante da professora e segundo a deficiência do ensino público. Alguns alunos chegaram a comentar que apenas tiveram no máximo 10 aulas da professora titular no ano letivo, levando em consideração que nossa última aula foi no dia 19 de novembro,

por sinal neste dia, nem ao menos tiveram aulas normais na escola, visto a ausência da maioria dos professores. Outro aspecto que conta negativamente é o fato de as aulas de história terem sido deslocadas para a sexta feira, isto em parte explica a ausência dos alunos o cansaço da labuta do trabalho diário entre outros comportamentos desfavoráveis.

2.2 Breves comentários sobre metodologias, estratégias e recursos didáticos.

Em todas as aulas buscávamos acionar outra política espacial, rompendo com a fila indiana, como é bastante comum na escola e distribuímos os alunos em forma de U tal como sugerido por Augusto Cury (2003). Todavia, temos que levar em conta que isso só foi possível pelo fato de termos um número de alunos que possibilitasse essa técnica. Para trabalhar os conteúdos usamos o aparelho de data show com slides, com música, e outras atividades multimídias. Preferimos não usar o quadro para escrever textos longos, e sim apenas para colocar tópicos ou frases curtas, fazendo ligações do conteúdo com elementos apontados pelos alunos. Distribuímos com os alunos cópias de textos, alguns dos quais retirados da internet, para assim ganharmos tempo na sala para expor as aulas e debater os temas abordados.

Sempre tentávamos incentivar os discentes a pensar os fatos expostos, e tentávamos a todo o momento buscar o interesse do aluno, porém nem sempre foi possível fazer isso, uma pequena parte da turma não tinha a mínima vontade de participar das aulas, e chegavam mesmo a sair da sala assim que começava nossa aula. Entendo essa reação dentro de um contexto mais amplo que intercrusa a postura da professora titular, o descaso das políticas sociais, as nossas próprias práticas, e a própria indisciplina do aluno; uma soma de fatores, que sinceramente me deixava atônito.

Entendo que os usos das linguagens alternativas fazem com que o aluno se sinta mais envolvido com a aula, todavia acredito que o melhor jeito de se apresentar um assunto permanece sendo a boa expressividade do professor, o seu conhecimento sobre o assunto, e o respeito pelo aluno, vendo-o na sua individualidade, criando assim um envolvimento afetivo do aluno com a matéria apresentada.

2.3 Sobre as avaliações

Todos os sistemas avaliativos adotados pela dupla estavam dentro do tipo qualitativo, e utilizando os critérios de participação contínua nas aulas e pequenos textos sobre o assunto funcionando como realimentação.

Mais ao conversar com os alunos ficamos a par de que todos estavam antecipadamente aprovados na matéria pela professora uma espécie de acordo “bom para ambos os lados”, na recíproca “nós passamos e você não dar aulas”. Não sei ao certo como isso pode acontecer, e por que os alunos consideram isso algo dentro das normalidades. Mais em longo prazo o prejuízo é imenso para os mesmos, os quais não têm nem uma pequena noção do que estão se dispondo a fazer. Nossa educação precisa realmente de uma bela reforma estrutural, de preferência com urgência; mais como fazer isso se o básico chamado salário digno ao docente, ainda é um sonho distante de nossa realidade.

2.4 Na sala de aula para além do estágio.

Antes de finalizar este trabalho fui contratado como professor sobre regime de prestação de serviço, assim iniciei as minhas aulas em fevereiro do ano letivo de 2011, na E.E.E.F. M professor Luiz Aprígio, localizada na cidade de Mamanguape, e embora seja a escola estadual mais antiga do município, a mesma atende uma comunidade carente, relacionada ao uso e envolvimento com drogas, e se se encontrava numa situação grave em relação à administração e localidade. Ingressei nessa escola num momento de muitas dificuldades demissões em massa de professores substitutos, promovidas pelo atual governo do Estado, tão logo assumiu o cargo.

As reuniões para planejamento geralmente eram marcadas para o último sábado de mês letivo, o que na realidade não passava da teoria, poucos ou nenhum professor aparecia no dia marcado. Existia certa cumplicidade em não deletar o companheiro, mesmo sabendo do seu erro, talvez por ética, ou em outro caso concordar mesmo que internamente com o sistema adotado. Os planejamentos só passaram a ter resultados aparente com o término do segundo semestre, quando enfrentei a minha maior dificuldades, o tipo de mentalidade de cada professor, e sua individualidade para consigo mesmo e com o seu lado profissional.

Enfrentei várias dificuldades algumas das quais decorrentes da estrutura da própria escola, como os apadrinhamentos políticos e uma greve do contingente efetivo,

realizada no início do segundo bimestre de 2011, com a greve na educação da Paraíba o sistema do estado virou um verdadeiro caos. Além destas questões maiores outros pequenos problemas me afligiam como, por exemplo, o uso correto dos diários de classe, o que de antemão venho com o presente trabalho, aproveitando para solicitar que o manuseio dos mesmos esteja presente dentro das cadeiras de prática escolares, tornando nosso tempo acadêmico muito mais proveitoso. Outro fator observado dentro do meu dia-a-dia de trabalho estava centrado na questão do pouco conhecimento da informática o que me fez acreditar na necessidade de termos também na grade curricular, de nosso centro uma cadeira de informática direcionada a licenciatura, situação que já faz parte da realidade das universidades Federais da Paraíba.

Considerações Finais.

A realidade está cheia de novidades impensáveis dentro das paredes das escolas existe os problemas sociais, como violência, drogas, falta de dinheiro e desemprego até mesmo a fome, isso somado as dificuldades inerentes ao ensino propriamente dito, que por si só, já seria o bastante; cria toda uma variedade de possibilidades e enigmas a serem resolvidas ou pelo menos vivenciando e questionando.

A realidade nos faz refletir a importância da prática teorizada, pois se faz necessário uma grande aprendizagem para poder enfrentar as dificuldades no convívio educacional diário.

Teoria e prática devem andar de mãos juntas, apenas assim poderia modificar um pouco do que se encontra nesse quadro atual, e de certa forma caótico. A minha vivência dentro da sala de aula, revelou que é muito difícil, não se vender ao conformismo existente dentro da profissão de docente, se faz necessário um acompanhamento e muita vontade de mudar pra poder fazer algo de qualidade.

Envolver-se com a educação é ter compromisso e responsabilidade social, não é fácil pelo fato de estarmos sujeitos a baixos salários, jornadas exaustivas de trabalho, as estruturas apresentadas não apresentam possibilidades de ajuda, pelo contrário o bom professor faz uso de sua criatividade para contornar diversos problemas encontrados. Mais precisamos a todo custo superar o estigma de coitadinhos e passarmos a fazer nossa própria história dessa vez como atores e atrizes, que somos;

algumas vezes protagonista outras coadjuvantes, mas, sempre e em qualquer que seja a situação “atuantes!”.

BIBLIOGRAFIA

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica.** PUC - Rio.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral.** Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. **Projetos pedagógicos: a educação integral e os arranjos possíveis.** Palestra no Seminário Nacional “Tecendo redes para educação integral” Prêmio Itaú-Unicef/Cenpec. São Paulo, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Cenas de uma vida de professora.** Palestra Formação Continuada: UNIFEBE (Brusque) Brusque, SC, 2008.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes e Filhos fascinantes.** São Paulo, 2009. 2ª ed. Editora Luz.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: experiências, reflexões e aprendizagem.** São Paulo, Papirus, 2003.

MARIZA, Tayara Teruya, FRANÇA, Paula Frassinetti S. **Mapeando perfil dos professores de História e das escolas públicas na Paraíba.** Guarabira, 2008.

Filmes:

Filme **Mr.Holland, adorável professor.** Produzido por Robert W. Cort, Ted Field e Michael Nolin, dirigido por Stephen Herek. Duração: 40 min., ano de lançamento (EUA): 1995.

Anexos

1º PLANO DE AULA

Nome da escola: Escola Monsenhor Emiliano de Cristo

Disciplina: História

Série: 2º ano A

Duração da aula: 2 h/aulas

Tema:

O que é História

Objetivo Geral:

Colocar em evidência o questionamento geral sobre a ideia de verdade ou mentira, e fazer com que o aluno aprenda a criticar as informações que lhe são passadas como verdadeiras.

Objetivo específico:

- As tendências da história atual;
- Mostrar o que seriam fontes, e suas versões modernas e para que sirvam as mesmas;
- A função social do historiador e a importância de saber o seu local de origem;

Material didático:

Quadro, pincel, voz, livro didático, Fichamento para os alunos.

Avaliação:

Participação em sala de aula e questionário para casa.

Bibliografia:

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

2º PLANO DE AULA

Nome da escola: Escola Monsenhor Emiliano de Cristo

Disciplina: História

Série: 2º ano A

Duração da aula: 2 h/aulas

Tema:

Revolução Francesa

Objetivo Geral:

Colocar em ascensão as situações políticas que levaram o Terceiro Estado a promoverem a Revolução, e quais eram os objetivos que existiam por trás da nobreza e do clero que se sustentava do grande número de camponeses e dos burgueses, e citar a importância de Napoleão para a história.

Objetivo específico:

- As ideias Iluministas que começavam a ser debatidas na França;
- Mostrar a situação econômica francesa e seu relacionamento com outros países da Europa;
- A marcha para a revolução;
- As diversas administrações após a revolução.

Material didático:

Quadro, pincel, voz, livro didático, Fichamento para os alunos, pacote de pirulitos.

Avaliação:

Participação em sala de aula e questionário para casa. É uma brincadeira com distribuição de pirulitos sugerida por um companheiro de estágio

Bibliografia:

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

HOBBSBAWN, Eric. **A Revolução Francesa**. (Coleção Leitura), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Filme:

Log On/Culturamarcas (2008). **Revolução Francesa**. 144 min.

<http://www.historiapura.com/historia/conceitohistoriografia/>

3º PLANO DE AULA

Nome da escola: Escola Monsenhor Emiliano de Cristo

Disciplina: História

Série: 2º ano A

Duração da aula: 2 h/aulas

Tema: iluminismo e sua importância

Objetivo Geral:

Explorar o quanto foi importante para as revoluções o pensamento iluminista e o seu florescer nas sociedades modernas.

Objetivo específico:

- Conhecer e conceituar iluminismo e renascimento
- Problematizar a independência dos EUA;
- Discutir a importância do pensar e raciocinar nos dias atuais

Material Didático:

Quadro, pincel, voz, fichamento, livro didático.

Avaliação:

Participação em sala de aula e pesquisa na internet, revistas e/ou livros.

Bibliografia:

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

<http://www.infoescola.com/historia/era-napoleonica/>

4º PLANO DE AULA

Nome da escola: Escola Monsenhor Emiliano de Cristo

Disciplina: História

Série: 2º ano A

Duração da aula: 2 h/aulas

Tema: Revolução industrial

Objetivo Geral:

Explicar a importância da revolução industrial para a construção do mundo moderno, e até mesmo para colocar as máquinas como pilares do mundo que vivemos.

Objetivo específico:

- Conhecer as mudanças em sua origem
- Problematizar a importância da tecnologia nos dias atuais.
- Discutir sobre a política trabalhista fazendo uma ponte entre o hoje e o ontem.

Material Didático:

Quadro, pincel, voz, fichamento, livro didático.

Avaliação:

Participação em sala de aula e pesquisa na internet, revistas e/ou livros.

Bibliografia:

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Saraiva 2005.

Avaliação

- Discussões sobre o tema;

Referências

MOTA, Myriam Becho. HISTÓRIA: das cavernas ao terceiro milênio. 1ª Ed. – São Paulo: Moderna, 2005.

CONTRIM, Gilberto. HISTÓRIA GLOBAL: geral e do Brasil. 8ªed. – São Paulo: Saraiva 2005.